

PESQUISA: ESPAÇO DE FORMAÇÃO DO SUJEITO

RESEARCH: SPACE OF CITIZEN FORMATION

Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir a pesquisa como um espaço formativo do sujeito com possibilidades de contribuir para a emancipação, compreendendo-a como uma atividade da práxis humana. O artigo se desenvolve através de três principais ângulos de análise teórica. Em primeiro lugar, discute-se a formação do sujeito, pela qual, se busca compreender o processo de homonização. Em segundo lugar, aborda-se a questão epistemológica, à luz de algumas das principais correntes da teoria do conhecimento e a noção de formação decorrente destas teorias. E, em terceiro lugar, discutem-se conceitos de pesquisa.

Palavras chave: pesquisa, práxis, emancipação e formação.

Abstract: This work focus on the debate about research as a formative space of the citizen with possibilities to contribute for the emancipation, understood here, as an activity of the human being practice. The article is developed through three main angles of theoretical analysis. In the first part, it is debated the citizen formation, through which, the “homonization” process is comprehended. In the second part, epistemological questions are discussed, through some of the main trends of the Knowledge Theory and the notion of formation emerged from these theories. At the end, research concepts are discussed.

Key words: research, practice, emancipation and formation

Introdução

O presente artigo é fruto das reflexões e discussões tecidas nos estudos da disciplina: **Processos educativos em diferentes contextos e desenvolvimento humano** ministrada pelas professoras Dr^a Ivone Garcia Barbosa e Dr^a Monique Andries Nogueira, na Faculdade de Educação da UFG, como parte do programa de Doutorado em Educação Brasileira.

¹ Doutora em Educação pela UFG, professora efetiva da Universidade Estadual de Goiás e assessora da Pró-Reitoria de Graduação.

Após concluir a disciplina que viabilizou a reconstrução/interpretação dos projetos educativos numa perspectiva dialética da relação educação, sociedade, cultura e sujeitos, a questão que emergiu se relaciona com o processo de formação do sujeito, indagando qual o espaço educativo da pesquisa.

A pesquisa, entendida como elemento essencial na formação do sujeito, tem sido tema de várias obras nos últimos anos. Esse texto tem a pretensão de dialogar com estas obras, buscando sistematizar princípios que sustentem a argumentação sobre a importância da pesquisa como elemento formador do sujeito, uma vez que favorece conjunta e concomitantemente o desenvolvimento de aspectos relacionados à construção do conhecimento, possibilitando a emancipação.

Humanidade e conhecimento

É sabido que o homem difere dos outros animais não somente pela história peculiar no processo de evolução biológica, mas principalmente porque se torna um ser produzido pela natureza em produtor do que o produz, ou seja, somos homens no processo de produção no qual somos produzidos, ser homem é decorrente de todo um processo de formação ocorrido num ambiente denominado cultura.

Como acontece esse processo? Como o homem se torna homem? Segundo Marx (1984), a premissa teórica fundamental para se entender o homem e, conseqüentemente, a sua própria história é compreender que para enfrentar a realidade o homem interfere na natureza e ela no homem. Isto acontece porque o homem é um animal portador de necessidades, incompleto e que necessita romper a adaptação. Assim o primeiro ato histórico é a produção de meios para satisfazer suas necessidades.

Ao procurar satisfazê-las, o homem como outros animais, interfere no mundo pela ação, modificando a natureza com a qual se relaciona. O que diferencia a ação humana na natureza é que o homem é o único animal que age intencionalmente em busca de satisfazer suas necessidades e de transformação. Neste momento da ação transformadora consciente se dá a criação de si mesmo, pois ao modificar a natureza, modifica a si, de tal maneira que nos formamos humanos no processo dialético homem-natureza. O termo que expressa essa noção do

humano produzir-se, produzindo cultura (valores crenças, regras objetos, conhecimentos...) e sendo por ela produzido, é hominização.

Deste raciocínio pode-se deduzir a centralidade da atividade humana para a sua própria formação, uma vez que é a partir do agir, que se torna homem. A atividade humana pode ocorrer de diferentes formas como explícita Vazquez (1968). Segundo ele, por atividade em geral entendemos o

ato ou conjunto de atos em virtude do qual um sujeito ativo (agente) modifica uma determinada matéria-prima. Exatamente por sua generalidade, essa caracterização da atividade não especifica o tipo agente (físico, biológico ou humano) nem a natureza da matéria prima sobre qual atua (corpo físico, vivência psíquica, grupo, relação ou instituição social), bem como não determina a espécie de atos (físicos, psíquicos, sociais) que levam a certa transformação. O resultado da atividade, isto é, seu produto, também se dá em diversos níveis: pode ser uma nova partícula, um conceito, um instrumento, uma obra artística ou um novo sistema social (VAZQUEZ, 1968, p.186).

Neste conceito, está incluída a atividade humana que se caracteriza como produto da consciência, a qual prefigura as finalidades da ação e termina com um resultado ou produto efetivo, real. Segundo Vasquez são três os tipos de atividades humanas, sendo que duas formas destas são teóricas: as atividades de conhecer e a teleológica. Porém, *há diferenças importantes, pois enquanto a primeira se refere a uma realidade presente que se pretende conhecer, a segunda diz respeito a uma realidade futura, portanto, ainda inexistente.* (VAZQUEZ, 1968, p.191). Apesar das suas diferenças, o conhecimento ou a busca das causas e finalidades não implicam necessariamente num agir. Isto quer dizer que estas atividades, por si só, não levam o homem a agir; são atividades teóricas e, portanto, quando isoladas, não levam à transformação da realidade, quer material quer social; não se objetivam e não se materializam.

Há um terceiro tipo de atividade, a atividade prática que

manifesta-se no trabalho humano, na criação artística ou na práxis revolucionária, é uma atividade adequada a objetivos, cujo cumprimento exige - como dissemos - certa atividade cognoscitiva. Mas o que caracteriza a atividade prática é o caráter real objetivo da matéria prima sobre qual se atua, dos meios ou instrumentos com que se exerce a ação, e de seu resultado ou produto (VAZQUEZ, 1968, p.193).

É, portanto, uma atividade na qual se exerce uma ação direta e cujo cumprimento exige certo conhecimento. Em algumas condições históricas, a atividade prática poderá não trazer

transformações substanciais, ou seja, de conteúdo na realidade pela falta de elaboração crítica. Trata-se de um agir que pode trazer inovações, mas que sempre serão conservadoras, não na forma, mas no conteúdo hegemônico que mantém as estruturas, pois a prática pode ter uma dimensão prático-utilitária quando tenta resolver apenas as necessidades imediatas. Nestas condições, o homem, segundo Vazquez,

considera a si mesmo como o verdadeiro homem prático; é ele que vive e age praticamente. Dentro de seu mundo as coisas não apenas são e existem em si, como também são e existem, principalmente, por sua significação prática, na medida em que satisfazem necessidades imediatas de sua vida cotidiana [...] o mundo prático – para a consciência comum – é um mundo de coisas e significação em si (VAZQUEZ, 1968, p.11).

Sendo assim, o homem, muitas vezes, só concebe a prática como prática utilitária, isto é, a ação que empreende para satisfazer as necessidades imediatas cotidianas, bem como para resolver problemas na sua imediatricidade.

Há ainda a *práxis* que, por sua vez, é a atividade humana que tem um agir intencional e tem por finalidade a alteração da realidade, ou seja, transformar o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano, sem que por outro lado essa atividade seja concebida com o caráter estritamente utilitário. Contém as dimensões do conhecer – da atividade teórica – e do transformar – a atividade prática, numa indissociação entre teoria e prática, fundamental para a atividade humana.

É importante ressaltar que a *práxis* é atividade, mas nem toda atividade é *práxis*, pois esta tem sua especificidade distinta de outras com as quais pode estar intimamente vinculada. Enfim, entende-se por *práxis*

uma atividade, material transformadora e ajustada a objetivos. Fora dela fica a atividade teórica que não se materializa, na medida em que é atividade espiritual pura. Mas, por outro lado não há *práxis* como atividade puramente material, isto é, sem a produção de finalidades e conhecimentos que caracteriza a atividade teórica (VAZQUEZ. 1968, p.108).

Desta forma, só na unidade entre teoria e prática pode haver uma *práxis* transformadora da realidade, é a teoria que possibilita de modo indissociável, o conhecimento da realidade e o estabelecimento de finalidades para sua transformação. No entanto, para produzir tal transformação, não é suficiente a atividade teórica; é preciso atuar praticamente sobre a realidade.

A prática, porém, não basta a si mesma; se isto acontece, fica situada passivamente numa atitude acrítica em relação a ela mesma e perde sua capacidade transformadora, tornando-se aderência² e, apesar de algumas inovações que possam apresentar na aparência, sua essência é de conservação do real.

Portanto, o homem se forma na relação dialética do animal homem com a natureza, sendo que a transformação do mundo por meio da sua atividade é a transformação do homem. E se a atividade intencional e consciente na unidade teoria-prática é que caracteriza a práxis, pode-se concluir que a pesquisa é uma maneira para a realização desta atividade, porque porta a possibilidade dialética de realizar, distanciar-se, ler/reler e intervir no curso de uma realidade, além disso, o que dá origem e força a atividade da pesquisa é a *necessidade* que os homens têm de saber, de discernir, de explicar, de compreender seu próprio mundo.

Dentro desse contexto, a atividade de pesquisa, como um processo teórico e prático ao mesmo tempo, torna-se fundamental porque possibilita (não garante por si só) a atividade da práxis. A pesquisa, como instrumento para se compreender a realidade, realiza o processo de interferência do homem nesta, podendo transformá-la e transformar a si mesmo, na dialética da formação humana. O sujeito, ao interferir na realidade pela pesquisa descobre sua condição histórica, reconhece a si mesmo, tornando-se mais crítico, surgindo o reclamo emancipatório, pois a pesquisa possibilita a passagem da aparência para a essência na atividade da práxis.

Não se trata de afirmar que toda pesquisa realizada pelo sujeito é emancipatória, **mas que é formativa**, pois a atividade de interferência no mundo, produz no sujeito uma interferência: o forma, cria uma consciência, um modo de ser, pensar e agir, podendo inclusive explicar este modo de ser.

Sabe-se que, dependendo das condições objetivas, a pesquisa pode formar o homem-massa³ (expressão gramsciana) mantendo-o alienado e a realidade como está, mas na contradição e dialética desta atividade pode também possibilitar a emancipação, pois *conhecimento é corretamente caracterizado como superação da natureza, como a atividade ou o esforço*

²² O termo aderência indica um movimento onde a lógica, a razão que impera faz com que o sujeito não consiga se identificar num processo de semelhança e de diferença, pois identidade é dizer: “isto sou eu, isto não sou eu”, ser capaz de distinguir do outro, do objeto. Na aderência há apenas aceitação do que está posto, naquilo que se percebe e se busca a semelhança, o sujeito perde a autonomia. Para maiores esclarecimentos, ver obras de Horkeimer e Adorno referenciadas na bibliografia deste trabalho.

³ Gramsci (1995) no livro *Concepção Dialética da História*, refere que **todos os homens são filósofos** (p.1), chama atenção também para o fato que, *quando a concepção de mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa* (Idem: 12).

supremo onde o concreto se torna compreensível através da mediação do abstrato... (KOSIK, 1976. p.28).

A dinâmica de produção do conhecimento é resultado da relação sujeito e objeto, e segundo a perspectiva aqui defendida, estes se formam neste processo, pois há uma identidade entre sujeito e objeto do conhecimento, na medida em que os dois se encontram, no próprio desvelamento do real.

Para melhor entender a pesquisa como formadora do sujeito, identificaremos algumas formas básicas de encaminhar o processo de investigação, sendo que é preciso ressaltar que a dimensão ideológica aparece por meio das diferentes alternativas de concepção e de explicação do real. Assim, a busca do conhecer, de inferir na realidade é o momento em que várias opções, compromissos e interesses se manifestam nos modos de conceber o conhecimento e de abordar o real.

Estruturantes epistemológicos da produção do conhecimento

A compreensão do processo do conhecimento realizado pela pesquisa exige obrigatoriamente, a análise dos estruturantes epistemológicos fundantes da articulação interna dos princípios relativos ao conhecimento e à razão a partir do século XVII, cujo processo investigativo tem como ponto central a questão do método.

Assim sendo, a análise das teorias do conhecimento produzidas no século XVII é reveladora de que a relação entre conhecimento e mundo, bem como suas representações, se tecem de forma contraditória. O racionalismo e o empirismo se constituem nas duas grandes vertentes da teoria do conhecimento que abrem o debate na época moderna; possuem como estruturantes epistemológicos a noção de sujeito e de objeto de uma forma a-histórica, estática e sincrônica. A base dessa noção está alicerçada num divórcio epistemológico entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível, desta forma o sujeito não é o ponto de referência do processo de conhecimento, este deve ser neutro, focalizado no método que revelará o objeto. A relação de conhecer, neste caso de pesquisar, vista nesta perspectiva, busca anular ou negar a ideologia no momento da investigação da realidade, a fim de obter uma “verdade”.

A fenomenologia compreende a verdade com um caráter de provisoriedade, mutabilidade e relatividade, radicalmente diferente do entendimento da metafísica positivista que

pressupõe a verdade una, estável e absoluta. A fenomenologia orienta o seu olhar para o fenômeno, ou seja, na relação sujeito-objeto (ser-no-mundo). Isso, em última análise, representa o rompimento do clássico conceito sujeito/objeto, sendo que prioriza o sujeito e seu olhar nesta relação, é o sujeito que delimita o objeto, o descreve e se identifica com ele. Este processo é chamado de redução fenomenológica, ou "epoche", é o método pelo qual tudo que é dado é mudado em um fenômeno que se dá e é conhecido na e pela consciência. Corresponde à descrição dos atos mentais de um modo que é livre de teorias e pressuposições, seja a respeito desses atos mesmos ou acerca da existência de objetos no mundo que se lhe correspondam.

As duas concepções acima descritas defendem a questão do conhecimento segundo os fundamentos epistemológicos que os iluminam e desvinculados das condições histórico-sociais de sua produção. Porém, não negam que o sujeito ao conhecer, pesquisar, se forma como humano, seja pelo fenômeno de dentro para fora, seja como dominador de dados de uma realidade.

O problema do conhecimento está representado no marxismo na relação dialética sujeito e objeto. O princípio da interação existente entre os eixos da relação cognitiva é produzido no enquadramento da prática social do sujeito, que captura e dialoga com o objeto na e pela sua atividade, cujo conhecimento diz respeito primeiro à historicidade do sujeito e do objeto.

Parece que o melhor método será começar pelo real e pelo concreto, que são a condição prévia e efetiva. Assim, a pesquisa deve se iniciar pelo existente, pelo concreto-dado. Mas o que é o concreto-dado? O concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade na diversidade (MARX, 1983. p.218).

Isto quer dizer que o objetivo da pesquisa é explicar o concreto. Para isto, deve-se transpor, pela faculdade de abstração, o concreto-dado para o pensamento, produzindo assim o concreto-pensado, que é na realidade o concreto-dado transposto para a mente humana. Feita esta transposição, deve-se voltar novamente o concreto-pensado para o concreto-dado, pois os dois devem estar em íntima relação, pois se fosse de outra forma, a pesquisa não teria sentido, à medida em que não conseguiria explicar a realidade, fim último de qualquer pesquisa realmente compromissada e livre.

Desta maneira, para se partir de uma perspectiva dialética, torna-se importante lembrar a citadíssima décima primeira tese sobre Feuerbach: *os filósofos até hoje se preocuparam em interpretar o mundo, o que importa é transformá-lo.* (MARX, 1984, p.65). A pesquisa deve

encontrar no cotidiano, na prática, seu ponto de partida. Mas é necessário que a partir daí, desenvolvam-se suas determinações e mediações, a fim de que possam ser revelados os nexos constitutivos do objeto de estudo, para que os sujeitos possam, por meio da unidade pensamento-reflexão, vir transformar a realidade e a si mesmos.

O núcleo temático relativo ao processo histórico da ciência moderna exige um olhar analítico como representação de uma construção teórica e, portanto, ideológica, que coloca em relevo um enfoque particularizado do problema científico, e do tipo de homem que se forma. Nesse sentido, a análise aqui empreendida representa um modelo simplificador que enfatiza somente alguns eixos inscritos na complexidade do tema em questão, eixos esses que pretendem assinalar alguns pontos para a reflexão sobre o lugar da pesquisa na formação do sujeito:

- 1- A valorização do pressuposto de que a formação humana se dá na relação dialética sujeito-objeto;
- 2- Compreensão da pesquisa como sendo um processo de atividade humana em que o sujeito ao realizá-la pode transformar uma realidade e dialeticamente a si mesmo;
- 3- Reconhecimento da importância do processo crítico-reflexivo em sua implicação com a produção científica;
- 4- Compreensão do investigador e dos sujeitos implicados na realidade investigada como elementos essenciais na produção do conhecimento.

Em síntese, as diferentes abordagens, na produção do conhecimento, mostram que a pesquisa é um forte instrumento de compreensão da realidade e de seus múltiplos sentidos, e contribui no processo de transformação da realidade e do próprio homem. Ressalta-se que o ato de pesquisar não é um processo neutro, mas um ato político que contém lutas hegemônicas, podendo encaminhar-se para a aderência e velamento do real e/ou para a emancipação, sendo que em qualquer perspectiva se forma o homem, resta indagar: qual homem e para quê?

As diversas concepções de pesquisa e a possibilidade de emancipação pela pesquisa

Até agora se procurou defender a tese de que a pesquisa ocupa um espaço importante de formação dos sujeitos, inclusive contendo a possibilidade de emancipação, mas faz-se necessário definir de que pesquisa está se falando.

Segundo Demo (1994), ao analisar a questão da pesquisa, encontram-se dois extremos: um grupo que considera a pesquisa como atividade quase excepcional, realizada apenas por alguns “iluminados”, só é pesquisa a pesquisa “científica”, que foi assim denominada a partir da década de 1930 (Beillerot, 2001). O outro grupo faz a banalização contrária: qualquer coisa cabe como pesquisa, sendo o esforço por encontrar um objeto, uma informação ou um conhecimento, podendo ser um esforço mental ou de ações.

Então, em que condição pode-se falar de pesquisas? Busca-se para esta discussão a classificação de Beillerot (2001), que considera ser pesquisa, segundo três condições:

1. Uma produção de conhecimentos novos.
2. Uma produção rigorosa de encaminhamento – a garantia de um método de investigação.
3. Uma comunicação dos resultados.

Estes três critérios se revelam difíceis de serem atendidos, mas o autor argumenta que a observação destes permite a eliminação de atividades chamadas indevidamente de pesquisa, mas também a admissão de outras consideradas como tal. Beillerot (2001) prossegue estabelecendo mais três critérios para o que ele denomina de pesquisa de segundo grau:

4. Introduzir uma dimensão crítica e de reflexão sobre suas fontes, seus métodos e seus modos de trabalho.
5. Sistematização na coleta de dados.
6. Presença de interpretações enunciadas segundo teorias reconhecidas e atuais, que permitem a elaboração de uma problemática, assim como a interpretação de dados.

A introdução destes novos critérios alarga a possibilidade de pesquisas passarem pela triagem e serem denominadas como tal. O autor alerta para o perigo das classificações, porém o considera necessário, neste momento em que o debate em torno da questão aflora, necessitando urgente de tentativas de esclarecimento.

O trabalho de Beillerot (2001) contribui para a definição de pesquisa, buscando novos subsídios, utiliza-se da classificação de Demo (1994, p.25), que alerta: *pesquisa não é qualquer coisa*. Para a distinção desta atividade, o autor propõe enquadrá-las em cinco níveis:

- I. Nível de interpretação reprodutiva – no sentido de tomar um texto e sistematizá-lo;
- II. Interpretação própria – no qual já entra um componente de interpretação pessoal;
- III. Reconstrução - tomando como ponto de partida a construção vigente;

IV. Construção – criadores de novas teorias;

V. Criação/descoberta - introdutores de novos paradigmas metodológicos.

A contribuição destes autores vem no sentido de fornecer critérios para a análise do que seja pesquisa. Pode-se perceber que Demo tem uma classificação que denominamos de mais democrática de pesquisa, mostrando que há um processo de elaboração para se tornar pesquisador. O que se julga necessário garantir no processo de pesquisa é o diálogo com a realidade que permita um agir e pensar mutuamente incluídos, num processo de elaboração próprio, orientado pela criatividade e descoberta, questionando a situação vigente e proporcionando surgimento de alternativas emancipatórias que valorizem o ser humano. Trata-se, portanto, da formação do sujeito capaz de se definir e de ocupar espaço próprio, recusando a ser reduzido a objeto (Demo, 1991).

A análise realizada no início deste artigo concebe a compreensão da pesquisa como uma forma de se relacionar com o conhecimento e com a realidade, entendida como práxis. Esta não é dada naturalmente, mas é determinada a condições históricas, sendo necessário um esforço do indivíduo para a atividade da práxis, uma vez que a realidade é opaca, pela condição histórica de sua materialidade.

Como o sujeito irá desvelar esta realidade, se o processo de alienação e reificação estão presentes? Pela práxis, perseguindo-a, pois a práxis do homem contém em si a própria realidade, sendo que não é um movimento natural a busca desta unidade, mas um esforço de, ao compreendê-la, poder transformar a realidade:

A práxis na sua essência e universalidade é a revelação do segredo do homem como ser ontocriativo, como ser que cria a realidade (humano-social) e que, portanto, compreende a realidade (humana e não humana, a realidade na sua totalidade). A práxis do homem não é atividade material contraposta à teoria; é determinação da existência humana como elaboração da realidade (KOSISK. 1976. p. 222).

Sendo a realidade dialética e contraditória, e nas atuais condições caracterizada pela pseudoconcreticidade, em que o fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde (Kosisk, 1976), acredita-se que a pesquisa é um espaço educativo que pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e autônomos, capazes de intervenções transformadoras na realidade em que se inserem.

Não se está afirmando que a pesquisa é um meio mais eficaz para educar ou formar o sujeito, o que se afirma é que o contato com as pesquisas e/ou o ato de pesquisar são suscetíveis de desenvolver as capacidades de análise e investigação, capazes de formar sujeitos no espírito crítico, na dúvida metódica e na busca da unidade teoria e prática, pois permitem o movimento ação-reflexão-ação.

A emancipação é o processo histórico em que o homem *conhece a si mesmo*, no exercício de ator consciente e produtor de sua história, para tanto a pesquisa é fundamental porque no despertar da curiosidade, da inquietude, do questionamento, do desejo de ter novas respostas, da descoberta e criação, da atividade da práxis e na recusa de ser homem-massa, objeto dos outros contém a possibilidade de formar sujeitos autônomos capazes de dizer não e de tomar as próprias decisões. Proporciona-se neste movimento, um *esclarecimento* sobre os jogos dos poderes na sociedade que tem seu lugar sob a superfície das formas políticas, cujo sujeito possa recuperar o espaço próprio usurpado, interferindo na transformação da realidade e dialeticamente na sua própria transformação.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento**. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 1994.

_____. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 1991.

BEILLEROT, J. A “pesquisa”: esboço de uma análise. In: ANDRÉ, Marli (org.) **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas, SP : Papyrus, 2001.

GRAMSCI. **A concepção dialética da História**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da Economia política. São Paulo: Abril Cultural, v.3. 1983.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: teses sobre Feurbach. São Paulo: Moraes, 1984.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

VAZQUEZ, Adolfo Sanches. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.